

Inovatio Juris

Inovatio Juris Journal

2(1): 41-62, 2023

ISSN: 2764-6300

Artigo

CONSUMIR E NÃO DEVOLVER: FENOMENOLOGIA DA TERRA EM DETRIMENTO DO CONSUMO EGOISTA HUMANO PARA UMA RECONEXÃO COM A TERRA.

CONSUME AND NOT RETURN: PHENOMENOLOGY OF
THE EARTH TO THE DETRIMENT OF SELFISH
HUMAN CONSUMPTION FOR A RECONNECTION
WITH THE EARTH

Recebimento do original: 17/12/2022
Aceitação para publicação: 29/04/2023

Beatriz de Melo Monteiro Lopes

Graduanda em Psicologia. E-mail: Beatriz.melo2605mm@gmail.com

Carlos Alberto Ferreira de Oliveira

Graduando curso em Psicologia. E-mail: carlosalberto18091999@gmail.com

Daniele Beserra Padilha Santos

Graduanda em Psicologia. E-mail: daniellyp11@gmail.com

Débora Danieli Gomes da Cruz

Graduanda em Psicologia. E-mail: deboradanieligomes26@gmail.com

Erick Linhares De Holanda

Professor orientador, Especialista em Gestalt terapia. Mestrando em Educação:
Ensino em saúde no ensino superior. E-mail: iparresia@gmail.com

João Gabriel da Silva

Licenciatura plena em História pela AESA-CESA. Graduando em Psicologia. E-mail:
gabrielbrady94@gmail.com



Maria Izaura Oliveira dos Santos

Graduanda em Psicologia. E-mail: Mariaizaura000@gmail.com

Maria Lucidália da Silva Souza leão

Licenciatura em Ciências Biológicas pela AESA-CESA. Graduanda em Psicologia. E-mail: dallia33@hotmail.com

RESUMO: Este estudo objetivou compreender a relação entre egoísmo, consumo desenfreado e como isso leva a desconexão do homem com a terra. A pesquisa se propõe a discutir como o egoísmo está levando a humanidade a consumir de forma tão intensa, causando degradação ambiental. Um dos pontos mais relevantes analisados foi o mergulho da civilização moderna em uma era de consumo, onde nada é durável, sendo preciso consumir constantemente para atender demandas sociais, sem preocupação alguma com as consequências que esse consumo causa ao meio ambiente, uma vez que a maioria dos produtos provém de recursos naturais. Ressaltamos que o crescimento populacional tende a agravar o atual quadro em que o planeta está mergulhado. Esta pesquisa, feita de forma documental, procura estabelecer um diálogo entre diferentes autores que, de alguma forma, trabalharam os conceitos anteriormente citados; mostrando que mesmo com a humanidade, em sua maioria, imersa no seu egoísmo, perdendo a capacidade de olhar para o futuro e entendendo que o que é feito hoje terá consequências no amanhã, desligar-se dessa sociedade de consumo é uma forma de proteger não só a si mesmo, mas também todo planeta.

PALAVRAS-CHAVE: Terra, Egoísmo, Consumismo, Desconexão.

ABSTRACT: This study aimed to understand the relationship between selfishness, unbridled consumption and how this leads to disconnection between man and the earth. The research proposes to discuss how selfishness is leading humanity to consume so intensely, causing environmental degradation. One of the most relevant points analyzed was the plunge of modern civilization into an era of consumption, where nothing is durable, and it is necessary to constantly consume to meet social demands, without any concern for the consequences that this consumption causes to the environment since the most products come from natural resources. We emphasize that population growth tends to aggravate the current situation in

which the planet is immersed. This documentary research seeks to establish a dialogue between different authors who somehow worked on the previously mentioned concepts, showing that even humanity in its majority immersed in its selfishness, losing the ability to look to the future and understand that what is done today will have consequences for tomorrow, disconnecting from this consumer society is a way to protect not only oneself but also the entire planet.

KEYWORDS: Earth, Selfishness, Consumerism, Disconnection.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

1. Introdução

A presente pesquisa busca discutir dentro do campo da fenomenologia, com foco na terra as concepções de egoísmo, o consumo desregrado e a desconexão do ser humano com o planeta, buscando entender como tais elementos se coadunam e como o consumo egoísta interfere no desenvolvimento sustentável do planeta.

Em um primeiro momento, buscou-se refletir sobre o egoísmo como uma forma de atender os próprios interesses, tendo como ponto de partida o desenvolvimento egoísta que tem afetado diretamente o funcionamento da terra (RAND, 1991). Nessa premissa, apresentamos como o egoísmo humano está contribuindo para a atual crise ambiental, estabelecendo um paradoxo entre humanidade e natureza (CASTRO, 1996). O ser humano tem se colocado à frente da natureza: não olhando-a como deve ser vista, mas colocando-se superior a ela. Não valorizando o que é oferecido



naturalmente, tenta-se forçá-la a dar além do que é possível (JONAS, 2006; KRENAK, 2019).

No segundo momento do texto apresentamos o consumo como propulsor no desequilíbrio entre ser humano e natureza, fazendo-o esquecer de sua relação de dependência (SCRUTON, 2016). A era do consumo faz com que as pessoas adquiram e descartem produtos rapidamente (BAUMAN, 2008). Um olhar atento basta para ver esse desequilíbrio (BOFF, 2014). Nesse caminho, se fez necessário diferenciar os estágios de consumo, a exemplo do *consumo vicioso* (semelhante à dependência química); o *consumo compulsivo*, que é compra sem controle e sem finalidade, e por fim temos os *consumidores consumidos*, ou seja, pessoas que chegam a vender a si próprias como mercadorias (SOLOMON, 2016). Consequente a isso, refletimos os danos que essas formas egoístas de consumo causam à biosfera.

Na última parte, propomos uma análise das consequências da desconexão da humanidade com a terra, pois como é lembrado, as sociedades antigas tinham uma relação de cuidado com a casa comum, buscando tirar o essencial (BOFF, 2013). Lembramos que essa desconexão tem intensificado os ritmos de mudanças feitas pelo homem no planeta e os objetivos da humanidade não se mostram mais orientados para o bem comum (FRANCISCO, 2015).

Salientamos, assim, que a invasão da terra está sendo brutal, causando devastações de florestas, extinção de animais, entre outros, não se atentando aos avisos do planeta por meio de suas catástrofes naturais. Adverte-se a urgência de sensibilizar e conscientizar as populações dos problemas causados ao meio ambiente, propõe-se a existência de mecanismos que podem fazer a diferença e evitar o agravamento da crise ambiental, como exemplo a

educação ambiental (BUCCI, 2020; GIDDENS, 2010; MARCATTO, 2002).

2. A Natureza Para Além do Egoísmo

O egoísmo liga-se a uma hierarquia de valores estabelecida pelo padrão dos autos-interesses do sujeito, sendo eles o sacrifício de alguns em benefício de outros, a incompreensão de uma vida harmoniosa, a ideia de vitimismo e, ao mesmo tempo, um pensamento de superioridade, onde os seus esforços bastam e não é preciso negar a si mesmo (Rand,1991). Dessa forma, para que esse indivíduo possa existir como um ser respectivamente produtivo, ele estabelece a realização de seus próprios interesses sem se preocupar com as demais coisas ao seu redor. Nesse sentido, percebe-se que o consumo das coisas oferecidas pela terra está cada vez mais sendo feita de uma maneira egoísta e totalmente capitalista, onde o mais importante é lucrar de maneira exagerada e sem pensar em devolver para a natureza.

Atualmente, a humanidade vem passando por uma crise ambiental, devido à intervenção incorreta do homem sobre a natureza, ultrapassando os limites e desrespeitando o meio ambiente em busca de lucros para obter-se o poder, ignorando um dos fatores mais importantes: a conservação das espécies e o zelo a uma gestão ambiental sustentável para a linhagem atual e futura, (Pereira & Horn, 2009). Diante desse contexto de consumir e não devolver, é inegável o surgimento de problemas por causa do consumo egoísta humano, acarretando na necessidade urgente de uma profunda reconexão com a terra.

Segundo Almiro (1993), o ser humano pode romper o estado de clímax de um ecossistema. Dessa forma, pode-se dizer que o equilíbrio da natureza é determinado pela ação da atividade humana perante o meio ambiente. Isso explicaria o comportamento do ser humano em relação à natureza, onde nem mesmo as enormes mudanças provocadas pelas Eras Glaciais tiveram um impacto tão grande na terra quanto as ações humanas.

Nesse sentido, o ser humano alienou-se do organismo ao qual faz parte (Terra) e passou a pensar na natureza de forma individual. Com isso, a terra e o homem deixaram de ser vistos como um só perante a humanidade (Krenak, 2019).

Dessa forma, percebe-se que as pessoas não estão totalmente cientes dos problemas propiciados pela exploração abusiva do meio ambiente. Ademais, quando o homem tem que escolher entre ele e a natureza na luta pela existência, de fato, se colocará em primeiro lugar (Jonas, 2006). Dessa forma, é possível perceber o quanto o ser humano, ainda por mais informações que tenha, é insensível ao que ocorre a natureza, causando uma desconexão entre eles.

Nessa perspectiva, Castro apresenta um paradoxo entre o homem e a natureza, onde as coisas que eles veem são outras: o que para nós é sangue, para o jaguar é cauim; o que para as almas dos mortos é um cadáver podre, para nós é mandioca pubando; o que vemos como um barreiro lamacento, para as antas é uma grande casa cerimonial [...] (Castro, 1996). Isso nos direciona a um olhar sobre a natureza de forma geral: o homem busca seus próprios interesses e seu comportamento em relação ao meio revela a não preocupação com os efeitos degradáveis. Diante disso, o que para o humano é algo sem importância, a natureza tem como sobrevivência.



Posto isto, a natureza é uma representação importante para a subsistência dos povos. Além disso, sua relação histórica está ligada diretamente às crenças dos indivíduos na sociedade. Por isso, é de suma importância sua preservação e manutenção. Entretanto, entende-se que uma sociedade de consumo vai além de algo comum a todos os membros nela inseridos seres humanos, criaturas vivas, obtém bens e serviços desde o princípio, ou seja, a sociedade é uma sociedade consumista (Bauman, 1999).

De fato, o consumismo cresce de acordo com a evolução da sociedade: quanto mais foi predominando o capitalismo, mais a sociedade tornou-se consumista. Assim, a humanidade foi sendo deslocada e distanciando-se cada vez mais do seu lugar de origem (terra).

Desse modo, para Pereira e Horn (2009), o homem necessita urgentemente aprender a estar em harmonia com a natureza e voltar a sincronia, resgatando assim a conexão positiva com ela, visto que nas últimas décadas, a natureza vem sofrendo cada vez mais com a ação humana e considerando que o homem tem uma relação de dependência com a natureza, torna-se importante a busca por essa reconexão, uma vez que um depende do outro para sobrevivência. Ou seja, as pessoas precisam reaprender de fato a ser humanas, resincronizar-se com a natureza e respeitar a integridade e a complexidade dela. Essa aceitação da imprevisibilidade precisa ser compreendida. É sabido que o homem deseja um destino, um processo, uma meta, mas para isso deve viver em harmonia com o meio que o contém.

Segundo Pereira et al. (2009), o ser humano, visto como um ser consumista, tem a concepção de que domina a natureza de tal forma que, para ele, surge a ideia de não precisar mais dela para a

sua sobrevivência e, conseqüentemente, a natureza é vista como descartável. Entretanto, o planeta vem demonstrando não suportar mais essa forma exploratória dele.

Nessa perspectiva, percebe-se que o nosso tempo tem a especialidade de criar ausência. Integramos um tipo de humanidade zumbi, onde a maioria das pessoas é incapaz de desfrutar o prazer e o gozo que a vida oferece. Pregamos o fim para que, assim, não exista possibilidade de sonhar com o futuro (Krenak, 2019). Desse modo, torna-se fundamental enxergar e criar possibilidades para a proteção da terra e, assim, conseguir manter uma relação de equilíbrio.

Contudo, existe uma necessidade do ser humano em sua subjetividade, onde os prazeres imediatos alteram suas preocupações futuras, pois o desejo está em consumir e satisfazer suas necessidades agora. O consumo se dá por grandes quantidades de produtos, sem se dar conta de onde descartar e nem com o problema ambiental que venha a ocasionar com o uso exagerado desses produtos (Pereira et al, 2009).

3. Olhar para o presente e pensar o futuro: repensar o consumo desenfreado

A humanidade tem uma relação de dependência com a terra, uma vez que ao longo da história ela sobreviveu às suas custas, pois dela adivinha o seu alimento (vegetal ou animal), a lenha para se aquecer e afugentar animais selvagens, a água para saciar-se, entre outras coisas. Essa relação foi mudando ao longo do tempo, com o crescimento econômico, industrial e social: quem tem pagado o maior preço é o planeta. Há um uso desenfreado dos recursos naturais em

detrimento do consumo exagerado, não havendo um equilíbrio nem quem faça a mediação dessa relação (Scruton, 2016).

Usar dos recursos naturais de forma desregrada não é novidade na história, contudo, houve uma intensificação com o desenvolvimento do capitalismo. Bauman (2008) vai dizer que a sociedade mergulhou numa era de consumo, em que tudo é devorado e descartado rapidamente no anseio de adquirir novos produtos, sem se preocupar com a escassez ou mesmo com o futuro. Por conseguinte, Harari (2018) advertirá que não só a forma como os humanos consomem, mas também o destino que se dá para aquilo que não se quer mais, prejudicará a humanidade muito em breve. Por exemplo, a poluição industrial, o uso excessivo dos recursos oceânicos, a caça de animais, os gases jogados na atmosfera... Tudo isso para alimentar a vida de consumo exagerado das pessoas.

Ao analisar essa conjuntura, Boff (2014) adverte que basta um olhar atento ao redor para perceber o desequilíbrio entre a humanidade e a terra. Existe um mal-estar difundido com o pressentimento de que um desastre, tão grande que chega a ser incalculável, a qualquer momento pode acontecer. Desta forma, para Jonas (2006), a grande discussão é saber como a natureza reagirá a essa agressão exacerbada, já que o que interessa não é o que o ser humano consegue fazer com a natureza, mas o quanto ela ainda poderá suportar. Entende-se, então, que o homem não deixará de usufruir das matérias-primas oferecidas pela terra, sendo ela indispensável para sua sobrevivência. Ocasionalmente, dessa maneira, uma necessidade de responsabilização dos indivíduos nesse complexo desajuste ambiental.

Através dessa perspectiva, o ser humano está sendo desresponsabilizado de uma ética que poderia ser compartilhada,

mas, por outro lado, sente o peso das escolhas sobre suas vidas. Escolhas que está afetando nossa geração e as futuras (Krenak, 2019). Sendo assim, o ser humano precisa despertar para assumir suas responsabilidades perante as transformações feitas no planeta. Nessa lógica, Burns (1989) fala que o consumismo faz parte de um comportamento social, onde os indivíduos têm necessidade de status, ou seja, tornar-se parecido aos grupos superiores.

Alguns autores como Solomon (2016) vão propor a existência de alguns estágios, como o exemplo do consumo vicioso semelhante à dependência química, onde se chega ao ponto de não ter controle sobre o que se compra. Há também o consumo compulsivo: nesse se compra sem controle e sem finalidade. Por fim, falará dos consumidores consumidos, ou seja, pessoas que chegam a vender a si próprias como mercadorias. Já Giglio (2003) dirá que o consumismo terá na sua origem variáveis psicológicas iniciadas na maneira de viver de cada um, podendo se tornar uma “doença” devido à dependência que este causa. Contudo, o consumo é uma necessidade humana, pois é preciso se alimentar, vestir, ter moradia, só que o consumismo é uma imposição social que dá a ideia de que é imperativo ter mais, estar na moda, ter a melhor tecnologia, lançar tendências como autopropaganda, maneira pela qual o indivíduo demonstra fazer parte de determinados grupos sociais ou tentativas de se integrarem a essa camada social (Bauman, 2008).

O consumismo pode ser caracterizado como a expansão da cultura do “ter” e a perda da cultura do “ser”. O consumo permeia diversas formas de vida social, econômica, cultural e política. Nesse processo, os serviços públicos, as relações públicas, a natureza o tempo e o próprio corpo humano são transformados em mercadorias. A política também se tornou uma questão de mercado, ela

comercializa a participação cívica e funde a publicidade com os valores cívicos. Seria uma “vitória” do consumo, que é um fim em si mesmo. O consumo é cabido como um dever cívico, não um direito ou um deleite. No entanto, o consumismo, que surgiu na Europa Ocidental no século 18, está se espalhando rapidamente para diferentes regiões do mundo, (Consumo Sustentável, 2005). Nesse aspecto, o consumidor é consumido pelas coisas que pensa ter conquistado, na verdade ele tenta ampliar-se, mas desaparece, pois sua liberdade é mais privada do que pública. Dessa maneira, sua liberdade impede as consequências públicas das escolhas particulares, (Barber, 2009).

Para Giacomini (2008) a necessidade de consumo que a sociedade tem é um comportamento influenciado por corporações privadas e públicas que impulsionam o consumo pelo ato de adquirir. Sendo assim, os desejos e necessidades de fazer parte de um grupo social ou destacar-se dos demais, é considerado a raiz do consumo. Destarte, Alves (2020) compara a terra como uma espiral da morte, já que começa larga e vai diminuindo. Ou seja, a situação fica cada vez pior. Assim como o exemplo que ele usa, não é algo infinito. Subentende-se que o planeta vai acabar em morte. A crise climática e a extinção das espécies têm sido de grande alerta. O tempo está esgotando e só uma atitude brusca pode reverter essa situação.

4. A desconexão do homem com a terra: uma história a ser reescrita

O ser humano afeta e é afetado pela natureza, possuindo uma relação dialética com a terra (Boff, 2003). Contudo, tal relação não está sendo realizada de forma equilibrada: o ser humano, nas

sociedades mais antigas, era entendido como um ser em conexão direta com a terra, retirando dela o essencial para sobreviver e, em certa parte, devolvendo algo em troca. Todavia, com o desenvolvimento tecnológico, o homem foi adquirindo a capacidade de transformar a natureza, indo além do necessário para subsistir e agindo para alimentar seus desejos consumistas, desconectando-se da terra e deixando de devolver, pelo menos, o mínimo.

O desenvolvimento aparentemente ilimitado, seja material e econômico de alguns, está extenuando cada vez mais os recursos da terra, comprometendo o futuro das gerações vindouras (Boff, 2013). Nesse contexto, é necessário lembrar que existe uma dependência entre o homem e a natureza, pois a sobrevivência de um depende do outro. Sobre isso, Francisco (2015) dirá que o ser humano tem intensificado o ritmo de mudanças, tanto da vida quanto do trabalho, contrastando com a lentidão natural da evolução da natureza, visto que esta apresenta uma recuperação própria que não acompanha a rapidez do consumo em que a sociedade mergulhou.

Nesse sentido, os objetivos da humanidade não se mostram orientados para o bem comum e para um desenvolvimento mais sustentável e integral, tornando-se preocupante a deterioração do mundo e da qualidade de vida de grande parte dos habitantes do planeta (Francisco, 2015). Nessa linha, Lopes (2020), irá lembrar que o ser humano é um ser complementar da natureza: não apenas integrante dela, não é exclusivo, mas todos os seres vivos a integram, todos são parte e habitam um lugar-comum: a Terra.

Todavia, a invasão à terra é tão brutal que, por ano, muitas espécies de seres vivos somem, desaparecem e são extintos apenas para atender uma pequena parcela de pessoas que ostentam seus casacos de peles, seus “pratos exóticos”, dentre outras coisas... A



morte em abundância dos seres vivos virou rotina, esquecendo-se do fato que terra e humanidade estão interligadas. A geração de mortes produz um efeito não só no planeta, mas no eixo da própria humanidade, no ciclo da vida, mas tudo é tratado com muita naturalidade (Bucci, 2020).

Os efeitos à atividade humana na terra começaram a ficar evidentes nos últimos dois séculos: catástrofes naturais são a forma de aviso que o planeta usa para fazer um alerta a todos. Terremotos, maremotos, inundações, erupções vulcânicas, secas, entre outros, são resultados do aquecimento global, efeito estufa: oriundos da alteração humana no planeta, e que tem alcançado níveis alarmantes. (Giddens, 2010)

Para Castanho et al (2020), ao longo da história humana, o desastre tem sido uma realidade imprevisível. No entanto, com o advento da epistemologia desenvolvida ao longo dos últimos séculos, mais precisamente a partir do século XIX, tornou-se possível prever com antecedência eventos climáticos, hidrológicos e meteorológicos. Essas previsões permitem ações estratégicas para mitigar danos e perdas. No entanto, essas informações são difíceis de serem gerenciadas quando os órgãos governamentais as ignoram por motivos econômicos, sociais, ambientais ou políticos.

É necessário um olhar atento, realista e preciso em relação às mudanças que são feitas de maneira exagerada na terra, pois os danos causados poderão ser irreversíveis para toda humanidade. Da maneira que está sendo conduzida a vivência humana na terra, podemos ter problemas catastróficos em curto prazo. Seguindo nessa perspectiva, Castanho et al (2020) fala que mudanças geográficas induzidas pelo homem em áreas urbanas e rurais, muitas vezes

empiricamente, contribuem para esse “novo” ambiente, com o surgimento de vulnerabilidades e riscos de desastre.

A terra não pode ser concebida como mero receptáculo destinado a acolher os seres humanos, pois mesmo que as pessoas habitem o planeta, ele não pode dar-se o poder de usar e abusar dos recursos existentes apenas para reafirmar sua posição de destaque no centro da natureza, como foi pensado pelo Antropocentrismo: um movimento originado a partir do Renascimento Cultural ocorrido na Europa no século XV (Bourg, 1993).

Deixar de lado essa mentalidade se mostra urgente, uma vez que a biosfera está com sua saúde prejudicada pela ação humana. Salienta-se que o meio ambiente global tem uma capacidade de recursos finitos que devem ser cuidados para o bem das próprias pessoas, que estão cegas pela lógica de consumo que as obriga a comprar e consumir coisas que não são tão necessárias e que lesam a natureza. Outra coisa a se pensar é que mesmo que o planeta viva nessa constante de produzir/consumir, nem todos têm acesso aos mesmos benefícios. Todos, inevitavelmente, sofrerão as consequências da devastação ambiental advinda desse processo. O crescimento desproporcional da população também tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social (Unesco, 2002). Como dito antes, são tendências assombrosas, mas não inevitáveis.

Nota-se, então, uma necessidade urgente de sensibilizar e exortar a sociedade sobre os problemas ambientais causados pelo ser humano. Dessa maneira, as pessoas buscarão métodos e ferramentas para auxiliá-las nesse processo, como a educação ambiental: ferramenta que busca desenvolver mecanismos que conscientizem a população sobre a gravidade dos problemas causados por elas ao meio ambiente (Marcatto, 2002).

5. Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida de forma exploratória com o propósito de construir melhor as hipóteses e deixar o tema mais explícito, pois essa forma de análise considera os mais variados aspectos do tema estudado, sendo possível coletar dados de diversas maneiras, dando mais liberdade ao pesquisador examinar o fenômeno a ser discutido (Gil, 2017), para atender da melhor forma possível as características do estudo. Foi feito o uso de um levantamento bibliográfico para fornecer um aporte teórico que conduza o debate de forma consciente, pois segundo Gil (2017), a vantagem de se fazer a pesquisa bibliográfica é o fato de deixar ao investigador a possibilidade da cobertura de uma gama de fenômenos bem mais ampla do que aquela que poderia se pesquisar diretamente. Isto é, mesmo que a temática abordada esteja a certa distância do pesquisador, é possível interpretá-la ao se analisar autores que se dedicam ao tema.

Para tanto, foi feita a leitura e interpretação de livros e artigos, estes pesquisados no *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), tendo sido publicados entre 2020 e 2023. Usaram-se palavras chaves como Fenomenologia da Terra. Contudo, não foi encontrado nenhuma correspondência exata, optando-se então por buscar por outras palavras como: Alterações Climáticas, integração da humanidade, entre outras. Tal busca retornou em vários artigos, dos quais três foram selecionados para serem utilizados na elaboração do texto. Foram usados também publicações de sites de entidades conceituadas como a *Fiocruz*, mas os aportes mais usados foram livros: tanto em formato físico quanto em formato de E-book, que abordam a temática discutida ou temas que possuem alguma ligação.

Fez-se uso de autores de diferentes áreas do conhecimento que tinham alguma relação com o tema: sejam filósofos, sociólogos, religiosos e historiadores que, de alguma forma, abordaram a humanidade e sua ação egoísta na terra.

Concomitante a isso, citar as principais conclusões a que outros autores abordaram permite salientar a reforço da pesquisa efetivada, possibilita também demonstrar e avaliar contradições, ou reafirmar os fatos obtidos por eles e assim estabelecer uma relação dialógica com o debate de ideias (Lakatos & Marconi, 2017). Foi feito o uso de uma abordagem qualitativa ao elaborar as reflexões, pois a pesquisa qualitativa tem a preocupação em descrever os fenômenos por meio dos significados que o ambiente em que o sujeito está inserido se manifesta, preocupando-se em conhecer a realidade sob a perspectiva desse mesmo sujeito (Zanella, 2006).

6. Resultados e Discussões

Nesta pesquisa tratamos da discussão da Fenomenologia da Terra: o primeiro ponto tratado nessa questão foi o Egoísmo humano e como o egoísmo contribui para o atual estado de degradação do meio ambiente. O principal ponto de discussão foi que o ser humano pensa mais em lucrar do que na própria natureza, que fornece os meios para sua sobrevivência, ignorando então a conservação das espécies. O ponto de ligação entre os autores foi como a visão egoísta de si mesmo e do mundo leva o ser humano a não ver que existe uma íntima relação entre ambos, sendo a terra uma extensão de si próprio. Ao pensar só em si, ele ignora a questão de que a natureza é parte dele. Assim, o ser humano está modificando o

planeta sem pensar nas consequências, apenas pensando no seu próprio consumo.

A segunda parte da pesquisa tem o seu foco no consumo desenfreado em que a sociedade moderna está mergulhada, fazendo distinção entre consumir, que é natural para a sobrevivência (alimento, roupas, limpeza) e o consumismo, que é uma imposição social que pode chegar a ser uma doença, devido à dependência que este causa.

Os autores têm sua consonância em dizer que o consumo alterou a relação do homem com a natureza, no momento em que ele passa a consumir de forma exagerada, onde tudo é descartado rapidamente, não havendo preocupação com o futuro. Apenas há à ideia de que é necessário devorar novos produtos, causando um desequilíbrio, pois os recursos naturais usados para criar tais produtos são limitados. É preciso repensar essa lógica, uma vez que ela poderá levar a humanidade para um caminho sem retorno, causando assim a desconexão do ser humano com o planeta e até mesmo o fim da espécie.

O ponto de convergência da terceira parte da pesquisa girou no fato que a desconexão da humanidade com a terra já é realidade: o egoísmo e o consumo desenfreado já alcançaram níveis preocupantes que tem tornado cada vez mais escassos os recursos ambientais, tem causado poluição, a extinção de várias espécies e, diante disso, se faz necessário estar atento aos avisos constantes que o planeta dá em formato de terremotos, maremotos, inundações, entre outros fenômenos.

Destarte, mesmo com todos esses avisos, a humanidade ainda insiste em manter-se nesse ciclo autodestrutivo, pois com o crescimento populacional e a má distribuição da riqueza em que



poucos têm muito e muitos não têm o necessário para sobreviver diariamente, a tendência é uma piora no quadro de adoecimento global. A saúde do planeta não é apenas uma forma de preservar o futuro, mas também um meio de melhora da vida atual.

7. Conclusão

Diante da discussão desenvolvida durante esta pesquisa inicialmente voltada através dos conceitos de egoísmo humano, consumismo desenfreado e a conseqüente desconexão da humanidade com o planeta, foi possível perceber que há uma ligação entre todos esses aspectos, pois a partir da concepção egóica que o ser humano tem, seu projeto de crescimento material ilimitado está extenuando os recursos da terra e comprometendo o futuro das vindouras gerações. Há um descaso com nossa casa comum, o planeta terra: solos são envenenados para produzir mais rapidamente, ares são contaminados para as fábricas produzirem combustíveis, roupas, entre outros produtos; florestas são dizimadas para produção de móveis, adereços; animais são extintos para servirem de casacos de pele, tapetes ou adornos em paredes... Ou seja, há aqui um ciclo de autodestruição que está liquidando o pequeno equilíbrio ecológico e afetando todo o desenvolvimento sustentável do planeta.

Sendo assim, o consumismo desenfreado está intimamente ligado ao uso dos recursos naturais de forma desregrada, onde é nítido que, na busca por mais lucro, mais se retira da natureza sem pensar nas conseqüências desses atos. O mais importante é produzir e a sociedade mergulhou em uma era de consumo onde deve-se descartar rapidamente para obter algo novo, uma vez que, para se

manter em evidência em determinados grupos sociais é preciso estar “atualizado”. Nesse sentido, o consumo é uma forma de autopropaganda para alimentar o ego, onde não importam os danos causados ao planeta e às outras pessoas, mas sim seus próprios interesses e desejos, que são rapidamente atendidos e logo novos são criados, formando um ciclo que se repete constantemente. De fato, habitamos em uma sociedade de risco, cada vez mais pessimista, onde o desenvolvimento sustentável se torna um paradoxo e onde a humanidade precisa equilibrar-se entre atender seu desejo pelo consumo e, ao mesmo tempo, assegurar que os recursos naturais usados na confecção de novos produtos não sejam esgotados.

Compreende-se que, no momento em que a humanidade busca apenas atender seus interesses para consumir desenfreadamente, utilizando todos os recursos sem se preocupar com o que poderá acontecer, ela desconecta-se do planeta, perdendo a relação de harmonia existente nas primeiras civilizações humanas que tinha a terra como uma divindade: respeitando-a, cultivando o solo sem agredi-lo, respeitando as florestas, modificando-a somente à medida em que a necessidade surgia. O uso dos recursos do planeta era apenas quando se fazia necessário para consumir, isto é, alimentar-se, vestir-se, garantir a própria sobrevivência e não na forma como está atualmente, visando alimentar a lógica de consumo e exploração exagerada.

Portanto, é necessário refletir sobre todos esses fatores que vem degradando a natureza para que possamos voltar a ter harmonia com as coisas que são originárias da terra. É fundamental desenvolver uma lógica do cuidado com nossa casa comum, repensar hábitos cotidianos, culturais e políticos, visto que é preciso mudar o



olhar, voltar às origens e perceber que a terra é a extensão do corpo humano. Cuidar dela é cuidar de si mesmo, da vida e do futuro.

Referências

- ALMINO, J. (1993). **Naturezas Mortas: A filosofia política do ecologismo**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão. *E-book*.
- ALVES, J. E. D. (2020). Antropoceno: a era do colapso ambiental. **CEE, Fiocruz**. Rio de Janeiro. Disponível: <<https://cee.fiocruz.br/?q=node/1106>> Acesso em: 31 de março 2023.
- BARBER, B. R. (2009). **Consumido: Como o mercado corrompe criança, infantiliza adultos e engole cidadãos**. Rio de Janeiro: Record. *E-book*.
- BAUMAN, Z. (2008). **Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. *E-book*.
- BAUMAN, Z. (1999). **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar. (85-87)
- BOFF, L. (2003). **Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos**. Brasília: Letraviva. *E-book*.
- BOFF, L. (2013). **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. 19ª ed. Petrópolis: Vozes. (10-45)
- BOFF, L. (2014). **Sustentabilidade: O que é – O que não é**. 3º ed. Petrópolis: Vozes. (17 – 22).
- BOURG, D. (Direção). (1993). **Os Sentimentos da Natureza**. Lisboa: Instituto Piaget. *E-book*.
- BUCCI, E. A. (2020). humanidade encontra sua irrelevância. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 34, n. 99, p. 245-260, ago. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/GWVjzfHMMDzV8ztnY6g6rKz/?lang=pt>> Acesso em: abril de 2023.



BURNS, M. E. (1989). **História da Civilização Ocidental**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Globo.

CATANHO, P. A. G. et al. (2020). Alterações Climáticas, Incremento dos Desastres e Necessidades Preventivas. **Revista Brasileira de Meteorologia**, v. 35, n. 3, p. 517–528, set. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbmet/a/gZwYdjVkzrrgTcvcZbZrR8J/?lang=pt>> Acesso: abril de 2023.

CONSUMO SUSTENTÁVEL. (2005). **Manual de educação**. Brasília: Consumers International/ MMA/ MEC/IDEC.

FRANCISCO, P. (2015). **Carta Encíclica Laudato Sí. Sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulinas.

GIACOMINI FILHO, G. (2012). **Meio Ambiente & Consumismo**. São Paulo: SENAC.

GIDDENS, A. (2010). **A política da mudança climática**. Rio de Janeiro: Zahar. *E-book*.

GIGLIO, E. M. (2003). **O comportamento do consumidor**. 2ª. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. *E-book*.

GIL, A. C. (2017). **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas.

HARARI, Y. N. (2018). **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Porto Alegre, RS: L&PM.

JONAS. H. (2006). **O princípio Responsabilidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio.

KRENAK, A. (2019). **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. (2017). **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8ª. ed. São Paulo: Atlas.

LOPES, J. A. V. Uma concepção integrativa de humanidade. **Estudos Avançados**, v.37, n 107, p. 303–318, abril 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/vDLLsfKYmh3myjQNMw9TnfM/?lang=pt>> Acesso: abril 2023.



MARCATTO, C. (2002). **Educação ambiental: conceitos e princípios**. Belo Horizonte: FEAM. *E-book*.

PEREIRA, A. O. K.; PEREIRA, H. M. K; PEREIRA, M. M. K. (2009). **Hiperconsumo e a ética ambiental**. In: PEREIRA, A. O. K; HORN, L. F. D. R. *Relações de consumo meio ambiente*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul. p. 11-27 *E-book*.

PEREIRA, A. O.; HORN, L. F. D. R. (2009). **Relações de Consumo: meio ambiente**. Caxias do Sul, RS: Educs. *E-book*.

RAND, A. (1991). **A virtude do Egoísmo**. Porto Alegre: Ortiz/IEE.

SCRUTON, R. (2016). **Filosofia Verde. Como pensar seriamente o planeta**. São Paulo: É Realizações. *E-book*.

SILVA, M. C. R. (2022). **Terra preta arqueológica: das práticas ancestrais às práticas contemporâneas** (um estudo da comunidade Monte Negro, Iranduba-AM). Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2022. Disponível em: < <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/9105> > Acesso: março de 2023.

SOLOMON, M. R. (2016). **O comportamento do consumidor: comprando, possuindo e sendo**. 11ª. ed. Porto Alegre: Bookman. *E-book*.

UNESCO, *A carta da terra. Pensamento & Realidade*, v. 11, n. 1, p. 125-135, 2002. Disponível em: < <http://www.spell.org.br/documentos/ver/43823/a-carta-da-terra/i/pt-br> > Acesso em: maio de 2023.

ZANELLA, L. C. H. (2006) **Metodologia da Pesquisa**. Florianópolis. SEaD/UFSC.